
MEMETIZANDO A CIÊNCIA:**#FRIDACONSELHEIRA COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA.**

MESMERIZING SCIENCE:**#FRIDACOUNSELOR AS A POSSIBILITY OF RESISTANCE.**

CIENCIA MEMETIZADO:**#FRIDACONSELHEIRA COMO POSSIBILIDAD DE RESISTENCIA.**

Isabela Pereira Vique ¹Maria da Conceição Silva Soares²Maíra Mello³**RESUMO**

Este texto aborda a criação e divulgação de memes como problematização e resistência criativa às normas estruturais socialmente preestabelecidas em relação a questões que articulam gênero, infâncias, docência e educação. Inferimos que as redes sociais digitais, impulsionam a circulação desses conteúdos, com a possibilidade de coautoria, em que praticantes da cibercultura, curtem, salvam, compartilham, editam, baixam e comentam as postagens. Para entender como ocorre essa dinâmica, analisamos alguns memes do quadro #fridaconselheira da página do Instagram @fridavaiaescola. Consideramos que os memes, como textos que operam pretextos para falar do vivido com ironia e inventividade são como outras formas de narrativas, escritas (verbais, imagéticas e/ou audiovisuais) do cotidiano e dão forma à matéria do vivido. Sugerimos que os memes que problematizam as opressões e discriminações praticadas nos múltiplos espaços-tempos em que aprendemos, ensinamos e vivemos, podem abrir espaços para outros modos de perceber e se relacionar no/com o mundo e para o engendramento de processos de subjetivação e modos de existência mais comprometidos com a justiça social. Defendemos, portanto, que essa forma de narrar a vida, *memetizando* a ciência, pode se constituir em uma forma de salvar a nossa própria pele.

PALAVRAS-CHAVE: Memes. Redes sociais. Cibercultura. Gênero. Educação**ABSTRACT**

This text addresses the creation of memes as problematization and creative resistance to structural norms socially pre-established in relation to issues of gender, childhood, teaching and education. We infer that social networks boost the circulation of these contents, with the possibility of co-authorship, in which cyberculture practitioners like, save, share, edit, download and comment on posts. Considering that memes, as texts that operate as pretexts to talk about the experience with irony and inventiveness, are like forms of narratives,

Submetido em: 30/03/2023 – **Aceito em:** 11/12/2023 – **Publicado em:** 19/04/2024

¹Doutoranda em Educação (PROPED/UERJ). Mestre em Educação (PROPED/UERJ). Integrante do grupo de Pesquisa: Currículo, Narrativas Audiovisuais e Diferença (CUNADI). Pesquisa a possibilidade de uma educação não sexista, antirracista e cultura digital na formação de professoras. Professora de Educação Infantil (SME). Bolsista FAPERJ. Criadora de Conteúdo da página do Instagram @fridavaiaescola.

²Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, atuando na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença (CUNADI).

³Jornalista, mestre e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ). Integrante do grupo de pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença (CUNADI). Pesquisa relações raciais, intelectualidade, gênero e cultura digital na formação se professoras. Bolsista CAPES. Email: mmello05@gmail.com.

writings(verbal, imagery and/or audiovisual) of everyday life and shape the matter of the experience. We suggest that the memes that problematize the oppressions and discriminations practiced in the multiple space-times in which we learn, teach and live can open spaces for other ways of perceiving and relating to the world and for the engendering of processes of subjectivation and modes of existence more committed to social justice. We defend, therefore, that this way of narrating life, meme science, can be built into a way to save our own skins.

KEYWORDS: Memes. Social media. Cyberculture. Gender. Education.

RESUMEN

Este texto aborda la creación y difusión de memes como problematización y resistencia creativa a las normas estructurales e socialmente preestablecidas en relación a cuestiones que articulan género, niñez, magisterio y educación. Inferimos que las redes sociales digitales potencian la circulación de estos contenidos, con posibilidad de coautoría, en los que los practicantes de la cibercultura dan me gusta, guardan, comparten, editan, descargan y comentan las publicaciones. Para entender cómo ocurre esta dinámica, analizamos algunos memes del tablero #fridaconselheira en la página de Instagram @fridavaiaescola. Consideramos que los memes, como textos que operan pretextos para hablar de la experiencia con ironía e inventiva, son como otras formas de narraciones, escritas (verbales, imaginarias y/o audiovisuales) de la cotidianidad y dan forma a la materia de la experiencia. Sugerimos que los memes que problematizan la opresión y la discriminación practicada en los múltiples espacios-tiempos en los que aprendemos, enseñamos y vivimos pueden abrir espacios para otras formas de percibir y relacionarse en/con el mundo y para engendrar procesos de subjetivación y modos de existencia más comprometida con la justicia social. Defendemos, por tanto, que esta forma de narrar la vida, imitando a la ciencia, puede ser una forma de salvar nuestro propio pellejo.

PALABRAS CLAVE: Memes. Redes sociales. Cibercultura. Género. Educación.

INTRODUÇÃO

Queremos saber.

O que vão fazer

com as novas invenções [...]

Queremos viver confiantes

no futuro.

Gilberto Gil, cantor, compositor, poeta e um dos maiores nomes da cultura do nosso país, aborda em uma de suas letras o impacto das ciências e das tecnologias na vida dos seres humanos. No refrão ele diz: “Queremos saber. O que vão fazer, com as novas invenções?”. Parafraseando esse trecho da música, podemos fazer uma outra questão nos incluindo nessa problematização: O que nós vamos fazer/estamos fazendo com as *nossas* invenções? O quê

nós, praticantes (CERTEAU, 1994) da cibercultura estamos fazendo/vamos fazer com os usos das tecnologias digitais em rede como usuários-autores que somos? Como têm se dado essas interações? Como as táticas e estratégias produzidas com nossas práticas *online* têm feito parte dos nossos processos de formação permanente e de produção de conhecimentos e significações, incidindo, portanto, nos nossos modos de subjetivação? Partimos da premissa que cultura é uma rede de práticas produtoras de significados (CERTEAU, 2012) e que a cibercultura é a cultura do nosso tempo, já que seus *modus operandi* e seus efeitos se estendem por todos os domínios do social.

Vivemos e nos constituímos em um mundo conectado por meio de múltiplos dispositivos eletrônicos mediados pelas tecnologias digitais em rede (SANTAELLA, 2013), no qual a troca de experiências e de materiais significantes (FRANÇA, 2006) é favorecida, fomentando a produção e circulação de narrativas do vivido (SILVA, 2006), de novas formas de socialização e de subjetivação. Deixamos de ser sujeitos da comunicação e passamos a ser sujeitos em comunicação (FRANÇA, 2006). As vivências provenientes dessas interações que relacionam máquinas, pessoas, técnicas, práticas e valores, engendradas no ciberespaço, propiciam aos usuários, entre outras coisas, a possibilidade de autoria.

Segundo Lemos (2010), a cibercultura apresenta três princípios: A liberação de emissão (possibilidade de escrever e produzir); conexão generalizada em rede (poder falar e agregar coletivamente) e a reconfiguração cultural (modelos paralelos).

Lemos (2010) ainda diz que a cibercultura possibilita a virtualização, ou seja, a possibilidade de problematizar o que foi posto anteriormente, ocorrendo assim atualizações. Desta forma, os conteúdos postados nas redes, salvos, compartilhados e editados, acrescidos, ou não, de outras imagens, vão gerando múltiplos sentidos.

É no ciberespaço, e especificamente nos ambientes virtuais de aprendizagem, que saberes são produzidos na cibercultura, principalmente no que se refere a aprender com o outro e em conjunto, construindo uma rede de aprendizagem ininterrupta em um ambiente aberto, plástico, fluido e atemporal. (SANTOS, RIBEIRO, CARVALHO, 202, p. 2).

A partir desse panorama, e por entender que as audiovisualidades são um caminho sem volta, o presente texto se situa com o intuito de problematizar a produção de memes. Com grande circulação nas redes, os memes são produções audiovisuais que se utilizam de vídeos, imagens e pequenas frases ou palavras.

Há quem acredite que os memes são meras sátiras sem muita relevância, produzidos apenas com o objetivo de entreter. No entanto, eles podem apresentar uma lógica pedagógica, onde novas narrativas circulam e questionam práticas sociais e políticas. Os memes também podem ser ofensivos, ironizando contextos racistas, machistas, misóginos, gordofóbicos e lgbtfóbicos, tentando trazer para o humor aquilo que não tem graça.

nem todas as imagens-ideias que circulam amplamente-livremente através das redes sociais online vão ao encontro de uma perspectiva “humanizadora”, por isso a necessidade encontrada por tantas/os usuárias/os de (re)criar memes capazes de nos inspirar a refletir sobre o tempo presente através da criação de estratégias de subversão e resistência mais “humanizadoras” (COUTO, POCAHY, CARVALHO, 2019, p. 33)

A fim de pensar alguns traços dessa dinâmica, serão expostos alguns memes do quadro #fridaconselheira que faz parte da página do Instagram @fridavaiaescola.

A página @fridavaiaescola é um espaço-tempo que foi criado com o objetivo de conversar com professoras sobre a possibilidade de uma educação não sexista nos cotidianos escolares, dialogando, por meio de conceitos como protagonismo infantil, estudos nos/dos/com os cotidianos e análises de gênero, sobre fatos que circulam nas mídias sociais. Nela também são compartilhadas as vivências pessoais e profissionais de sua criadora que se articulam em redes. A escolha por uma página no Instagram veio da observação do aumento de páginas, nessa rede social, criadas por professoras devido à Pandemia da COVID-19. Dessa forma, percebeu-se que muitas docentes circulavam por esses espaços com o objetivo de compartilharem suas práticas e criarem redes e trocas de experiências.

A @fridavaiaescola se tornou uma rede de compartilhamento de vivências, fabulações e debates, mediados pelas tecnologias digitais, ligada às potências comunicacionais e pedagógicas das mídias digitais, tendo as redes como processos formativos e produtores de relações e de subjetividades. Entendemos, portanto, que a formação vai para além dos espaços tidos como acadêmicos, e acontece em diferentes contextos articulados entre si, entre eles os usos das mídias e tecnologias da comunicação.

NARRANDO A VIDA E MEMETIZANDO A CIÊNCIA.

*Prefiro queimar o mapa,
traçar de novo a estrada.
Ver cores nas cinzas
e a vida reinventar.*

Francisco, el Hombre

Quais as possibilidades para reinventar o mundo? O que está ao nosso alcance, no miudinho de cada dia? De que forma, com nossas práticas cotidianas, poderíamos “traçar de novo a estrada” e “ver cores nas cinzas”?

De acordo com Silva (2006), o narrador do vivido é um cronista do social. Na contemporaneidade, o narrador do vivido é um “etnógrafo do aqui e agora” que se situa da interface do real e do imaginário. (p. 86). Segundo esse autor, o narrador do vivido, como romancista das ciências humanas, é (2006, p .86):

Pesquisador de imaginários, sociólogo da comunicação, semiólogo ou semioticista de campo, produtor de estudos culturais, leitor da teia pós-moderna, crítico de mídia, paroxista irônico, o narrador do vivido, neste século XXI, é cinéfilo, internauta, videomaniaco, teletudo, devorador de imagens, telepata, “zapeador”, onileitor, *Big Brother*, orelha profunda, esquizotelevisivo, cartógrafo do real virtual, habitante do seu bairro e do ciberespaço.

Ainda conforme Silva (2006, p. 89) a narrativa do vivido “é, ao mesmo tempo, fabulação e levantamento”. Uma construção arbitrária, que se constitui de (p.90):

- Leitura
- Releitura
- Crítica (põe crise, busca as sombras)
- Escolha e cruzamento de pontos de vista
- Definição transitória de paradigmas
- Dialógica subjetividade (olhar do narrador, vozes dos personagens da narração)/objetividade (esforço rigoroso de coleta de dados que informe sobre o objeto e possam até desconstruir o olhar do narrador e dos sujeitos/objetos da narração)
- Interpretação (sabe-se que um fenômeno é passível de múltiplas interpretações, mas nem toda interpretação é possível)

Nesse artigo consideramos os memes como textos que operam pretextos para falar do vivido com ironia e inventividade. São, como outras formas de narrativas, escritas (verbais, imagéticas e/ou audiovisuais) do cotidiano que dão forma à matéria do vivido.

Os memes surgiram, da forma que conhecemos, na década de 1990. E consistem em uma linguagem informal com tom humorístico, contendo vídeos, áudios ou imagens, dialogando com as experiências cotidianas, narrando-as de diferentes formas e possuindo a intensa capacidade de alteração, colaboração e edição. Ou seja, os memes possuem a função de (re)contar as histórias cotidianas, já que todo texto e/ou imagem fabrica realidades e são frutos delas. São obras, simultaneamente, fechadas e abertas.

É possível dizer que praticamos a abertura para a co-autoria a partir dos memes. Ao contrário de boa parte das práticas acadêmicas, criamos com os memes uma relação de colaboração entre desconhecidos. Não se trata de disputa, mas de solidariedade, de fazer com, de se deixar afetar pela imagem proposta pelo outro. E mais: os

memes nos inspiram a debater possibilidades de alteração das ideias neles contidas. (NOLASCO-SILVA, SOARES, LO BIANCO, 2019, p. 124)

Por muito tempo, era comum encontrar como humor no nosso país, piadas com tons opressores, onde se diminuía as múltiplas vivências e diversidade de corpos. Eram piadas lgbtfóbicas, gordofóbicas, capacitistas, machistas e racistas que produziam discursos discriminatórios. Incutindo sentimentos de inferioridade e humilhação em quem assistia com visões pejorativas sobre si mesmas.

A série Televisiva “Os trapalhões”, por exemplo, que esteve ao ar na Rede Tupi (1974- 1976) e na Rede Globo (1977-1995), contava histórias de um quarteto de homens que se envolviam em muitas situações inusitadas, ou melhor, em muitas “trapalhadas”. Foi um dos grandes fenômenos de humor da televisão brasileira, onde muitas das piadas apresentadas eram de cunho discriminatório.

Em um dos episódios, exibido em 1966, o Personagem Didi, vivido por Renato Aragão, perguntava a Mussum, interpretado por Antônio Carlos Bernardes Gomes: “ O macaco tá aí?” Referindo-se a cor de pele de Mussum.



Figura 1: Os Trapalhões. Imagem retirada da internet

Podemos observar atualmente que muitos memes seguem essa linha de humor, contendo *fake news* (notícias falsas) e mensagens extremamente desrespeitosas, a fim de contornar narrativas racistas, machistas e LGBTQIA+fóbicas que têm sido questionadas. Tentar controlar a narrativa é também controlar os corpos (do narrador e dos sujeitos narrados) e garantir que quem sempre teve seus privilégios não os perca.



Figura 2: Meme retirado do site *quickmeme*

No entanto, se por um lado temos discursos de ódio disfarçados, ou não, de humor, de outro vemos surgir à possibilidade de resistência. Por produzir uma pedagogia, os memes podem lançar novas narrativas políticas e sociais a partir das imagens. Desta forma, entendemos os memes como discursos. Muito mais do que entretenimento, trata-se de um acontecimento, um recurso poderoso na produção de sentidos.

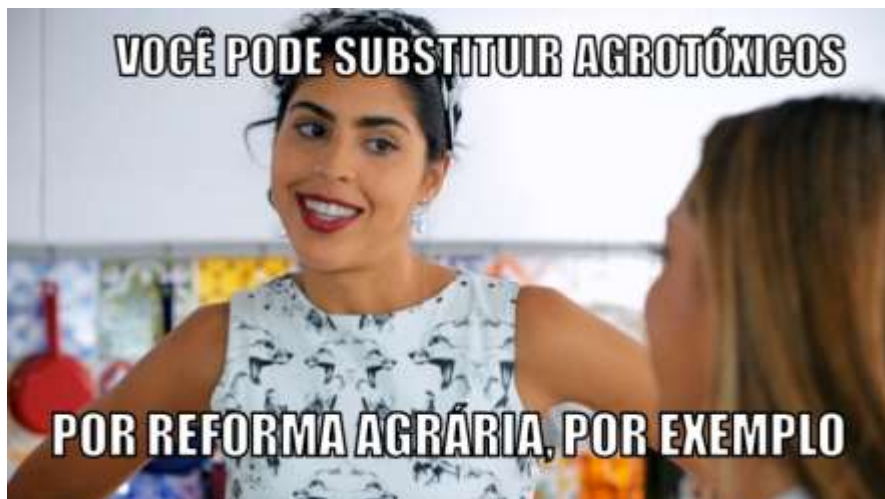


Figura 3: Meme retirado do site: Opera Mundi

Pensando na etimologia da palavra, meme, no grego, significa imitação. Já para o zoólogo Richard Dawkins, meme, seria a comparação com a palavra “gene”, caracterizada como a repetição de costumes dentro de uma cultura. Para BHABHA (1998) a imitação (como mímica e não como mimese) pode engendrar uma cópia malfeita que se constitui em uma

ameaça aos poderosos. E, assim, forjar o surgimento do novo. Desta forma, poderíamos pensar no meme como a atualização de um discurso (NOLASCO-SILVA, SORAES, LOBIANCO, 2019).

Ao pensar nos memes como narrações das vivências cotidianas e como possibilidade de resistência, problematizando e criticando as narrativas que engendram preconceitos e discriminações, poderíamos dizer que essas produções são do tipo táticas (CERTEAU, 1994). Ou seja, são práticas tidas como a arte do fraco, respostas às opressões. Microações que não podem ser controladas, operações de usuários que obtêm, dessa maneira, pequenas vitórias com grandes impactos:

[...] um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. (CERTEAU, 1994, p. 46-47)

Desta forma, as normas inscritas outrora por instituições formais, com o objetivo de controle, denominadas como estratégias (CERTEAU, 1994), (re)produzidas também em nossos cotidianos, são minadas por tática criadas pelos praticantes da cultura, que, se aproveitando da ocasião e da oportunidade, fazem emergir novos discursos em prol da vida afirmativa. Os memes, então, postos aqui como a “arte de dar golpes, astúcias de caçadores, achados que provocam euforias, tanto poéticos quanto bélicos” (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2017, p. 14) são micropolíticas cotidianas mediadas pelo digital em redes que suscitam sentidos outros.

Pensando na perspectiva dos estudos nos/dos/com os cotidianos, Alves (2008) sugere que façamos um mergulho com todos os sentidos nos cotidianos pesquisados. Para isso, ela propõe movimentos de pesquisa, onde um deles é denominado “narrar a vida e literaturizar a ciência”.

Alves (2008) ao indicar o movimento necessário para as pesquisas com os cotidianos que ela denominou “Narrar a vida e literaturizar a ciência”, nos atenta sobre como lidamos com as nossas observações e produções acadêmicas. Diz sobre a possibilidade de a nossa escrita ser múltipla, não obedecer a modelos prévios e encarar como legítimas outras maneiras de publicar aquilo que vivenciamos nos cotidianos pesquisados.

Reis (2018) alargou esse movimento de pesquisa de Alves (2008) em sua pesquisa de mestrado, dizendo que para além de literaturizar, pode-se “narrar a vida e audiovisualizar a ciência”, a fim de explicitar o quanto às pesquisas nas/das/com as audiovisuais podem ser potentes. Seguindo a proposta de alargamento das comunicações de saberes-fazeres produzidos, neste texto, sugerimos que os memes podem também narrar a vida e memetizar a ciência.

A ATUALIZAÇÃO E A #FRIDACONSELHEIRA

A página no Instagram da @fridavaiaescola surgiu com o objetivo de repensar, junto com as professoras que seguem a página, práticas cotidianas que (re)produzem normas e práticas sexistas em ambientes educacionais, ou não. Já que o conhecimento é produzido de forma complexa, tecido com as nossas redes, há também a troca de vivências pessoais que impactam nas percepções sobre educação e gênero:

A educação acontece no comezinho dos dias, nas dobras das relações, nas ruas, nas casas, nas redes sociais *online* e, também, nas escolas e em muitos outros *espaçostempos* culturais, articulando, na interpelação das demandas do aqui e do agora, novas composições com *saberesfazeres* engendrados nos diferentes contextos em que vivemos. (NOLASCO-SILVA, SOARES, COSTA, 2018, p. 52)

Propomos, desta forma, pensar em como as audiovisuais, enquanto dispositivo de pesquisa (SORAES, 2016), podem ser instrumentos para a democratização de informações sobre as temáticas de gênero e educação:

As audiovisuais, como práticas cotidianas de significação que vão se tornando corriqueiras em nossa sociedade, estão irremediavelmente implicadas na constituição de subjetividades e na tessitura das redes de sentidos e conhecimentos sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Os praticantes das audiovisuais criam, ainda, com suas operações de ver/ouvir e de dar a ver/ouvir, técnicas, tecnologias, teorias e possibilidades para o audiovisual. (NOLASCO-SILVA, SOARES, COSTA, 2018, p. 53)



Figura 4: Bio da página @fridavaiaescola

Na data de vinte e seis de dezembro de dois mil e vinte e três, a @fridavaiaescola contém duas mil, seiscentas e cinquenta e duas seguidoras, sendo 97% mulheres e em sua maioria, professoras. Para além de pensarmos sobre experiências, a página da Frida vai à escola mostrou-se um caminho interessante para “narrar a vida e *memetizar* a ciência”. Os caminhos percorridos possibilitaram o contato com professoras em seus mais variados cotidianos e a partir desses encontros, os receios envolvendo às temáticas de gênero na escola foram percebidos. Através dessas imagens, também são propostos novos caminhos pensando em fabricações (e fabulações) coletivas a fim de encontrar novas perspectivas, tecendo *táticas* (CERTEAU, 1994) e proporcionando a criação de entrelugares (BAHBHA, 2011).

Por entender que a resistência se dá através da criação e que os memes são uma possibilidade de questionar as normas sociais opressoras da diversidade e das singularidades, a página da @fridavaiaescola lançou o quadro #fridaconselheira. Trata-se de uma série de memes, onde a Frida Khalo, personagem conceitual da pesquisa (DELEUZE, GUATTARI, 1992), isto é, aquela sem a qual não podemos pensar, em diálogo com outras personagens, dá conselhos sobre diversas temáticas que relacionam questões de gênero, educação e infâncias.

Os temas abordados em cada edição da #fridaconselheira, são escolhidos a partir da observação da produtora de conteúdo em relação às vivências trazidas pelas professoras de seus cotidianos, assuntos que estão sendo comentados nas redes sociais, datas comemorativas e a problematização de histórias clássicas envolvendo princesas da Disney.



Figura 5: Meme da #fridaconselheira da página @fridavaiaescola, postado em 10 de agosto de 2021.

O meme da #fridaconselheira é a atualização de outro meme que circulou nas redes sociais:



Figura 6: meme da Frida Khalo conversando com princesas da Disney. Retirado da internet.

Essa imagem da Frida Khalo conversando em uma mesa de bar com princesas da Disney, circulou nas redes sociais com as mais variadas frases, nelas a Frida desconstruía normas impostas às princesas.

A atualização desses memes fez nascer à #fridaconselheira, onde alguns desses conselhos se destinaram justamente a algumas das princesas da Disney, em particular:



Figura 7: Meme da #fridaconselheira da página @fridavaiaescola, postado em 5 de agosto de 2022.



Figura 8: Meme da #fridaconselheira da página @fridavaiaescola, postado em 12 de agosto de 2022.

Em um tom ácido e com uma pitada de humor, características dos memes, mas também da própria Frida Khalo, a #fridaconselheira foi estendendo os seus conselhos a outras personagens de histórias infantis:



Figura 9: Meme da #fridaconselheira da página @fridavaiaescola, postado em 28 de dezembro de 2021.

Os processos de formação constituem-se a partir de diferentes encontros, onde despertam o sentir, ser, pensar e fazer (ALVES, 2008). Sendo assim, através de dispositivos audiovisuais, como imagens e vídeos, pode-se mostrar como somos e/ou como gostaríamos de ser e o que nós queremos informar e nos tornar (SOARES, 2016). Agenciamos sentidos com quem interage conosco, atravessados pelas imagens que materializam aquilo que desejamos comunicar.

A #fridaconselheira foi uma forma de questionar normas consideradas importantes, a partir da lógica dos memes, onde além de causar revoluções no âmbito da subjetividade, possibilitou a comunicação e expressão de ideias, servindo também como espaço de debate:



Figura 10: Debate nos comentários da postagem da #fridaconselheira referente à história da Chapeuzinho vermelho, postado em 28 de dezembro de 2021.

Pensar na #fridaconselheira como um veículo para suscitar debates, reflexões e produção de conhecimentos, passa pelo campo dos comentários como espaço de debate, mas também conta com outros caminhos para entender de que forma essas narrativas tem circulado.

Muito mais do que comentar, as curtidas, salvamentos e compartilhamentos dizem como as seguidoras, ou não, da página da @fridavaiaescola interagem com os conteúdos.



Figura 11: Meme da #fridaconselheira da página da @fridavaiaescola, postado em 17 de junho de 2022.



Figura 12: *insights* sobre o post da #fridaconselheira exposta na figura 10.

Esse post da #fridaconselheira que questiona a naturalizada divisão de tarefas nas festas juninas, reproduzidas nas escolas, apresentou cento e cinco curtidas, onze comentários, quinze compartilhamentos e três salvamentos. Entendemos com esses números, que os memes, incluindo os da @fridavaiaescola, não são imagens acabadas e postas para contemplação, estão dispostas a diferentes formas de apropriação e podem alcançar pessoas de tantas maneiras, que não se é possível quantificar e nem prever:

Praticar audiovisualidades, conforme entendemos, implica os gestos de, ao mesmo tempo ou alternadamente, criar, produzir, subir e baixar vídeos em sites, divulgar, compartilhar, assistir, interpretar, recortar, remixar, anexar, salvar, colecionar, deletar e comentar narrativas *imagéticassonoras* do ordinário e do extraordinário, do vivido, do imaginado e do até então impensado. Trata-se, pois, de uma rede de operações de significação que nos possibilitam, na interação entre múltiplas narrativas audiovisuais, nos tornarmos inteligíveis para nós mesmos, produzirmos sentido para nossa cotidianidade e inventarmos, permanentemente, o presente. (NOLASCO-SILVA, SOARES, COSTA, 2017, p. 53).

Muito se questiona nas redes sobre a importância ou o “perigo” em abordar temáticas de gênero em *espaçostempos* escolares. O que queremos pontuar é que abordá-las, ou ainda, testar outras práticas mais inclusivas e em diálogo com o protagonismo infantil, seria um interessante caminho para o conhecimento de si e produção de subjetividades: “O problema da questão de gênero é que ele prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero.” (ADICHE, 2015, p. 36).

Apesar de temáticas referentes a gênero, sexualidade e raça estarem cada vez mais em disputa, perante o cenário político e social atualmente, podemos pensar com NOLASCO-SILVA e COSTA (2018), que não é de hoje que a escola fala de gênero:

Nossas experiências como estudantes de escolas diversas, em regiões distintas do país, nos fazem pensar que gênero e escola são duas tecnologias que funcionam há muito tempo interligadas e que o silenciamento hoje, imposto em forma de cisão, traz elementos não revelados – ou pouco debatidos no bojo de uma tormenta onde nos encontramos todos, nadando contra a corrente, tentando não perder direitos conquistados e nem a esperança que tínhamos no horizonte de conquistar tantos outros direitos há muito tempo negados. (NOLASCO-SILVA; COSTA, 2018, p. 107).

A #fridaconselheira são memes que se apresentam como possibilidades de resistência, em prol da liberdade, diversidade e singularidade. Operam um alargamento do *campo perceptível de visão* (BUTLER, 2017) das professoras, onde novas perspectivas e modos de fazer são postos como cabíveis para uma prática docente mais respeitosa e igualitária.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste texto apresentamos os memes como possibilidade de subversão e resistência criativa. Pensamos em como essas sátiras capazes de narrar e problematizar o cotidiano, contam histórias, produzem sentidos e incidem na nossa subjetividade, já que a mesma é produzida socialmente. Ainda que ao mesmo tempo possam estar alargando o nosso campo perceptível de visão (BUTLER, 2018), também podem ser veículos de preconceitos, opressões e fake news. Por isso, apresentamos aqui os memes da #fridaconselheira com o objetivo de mostrar o quanto esses discursos, que problematizam e questionam as normas, promovem atualizações em prol da vida afirmativa.

Em um contexto de grandes polarizações, com disputas intensas em torno das narrativas de si, do outro e do mundo, manifestos tomam conta das redes em prol da diversidade e do não retrocesso em relação a direitos conquistados com muito custo. Dito isto, sugerimos que os memes que problematizam as opressões e discriminações, praticados nos múltiplos espaços-tempos cotidianos em que aprendemos, ensinamos e vivemos, podem abrir espaços para outros modos de perceber e se relacionar no/com o mundo e para o engendramento de outros processos de subjetivação e modos de existência mais comprometidos com a justiça social. Defendemos, portanto, que essa forma de narrar a vida, *memetizando* a ciência, pode se constituir em uma forma de salvar a nossa própria pele.

Soares (2010) a partir de uma provocação de Ferry (2007) aponta o porquê que “filosofamos para salvar a própria pele”:

[...] filosofamos para salvar a própria pele, ou seja, existe um irreversível enredamento entre produção de conhecimentos, negociação de posturas éticas e atribuição de sentidos para a existência humana e para a vida no planeta. Explicando mais detalhadamente, inventamos teorias para tentar compreender o mundo em que vivemos e buscamos uma ética para conviver com as outras pessoas que habitam esse mesmo mundo. Mas para que tanto esforço? Acima de tudo, porque queremos construir sabedoria para salvar a própria pele. (SOARES, 2010, p. 59)

Quais seriam essas sabedorias? Quais saídas poderíamos encontrar para nos salvar de tantos preconceitos, opressões e violências? Há quem acredite que uma boa saída é seguir o *script*. Não questionar, ser boa, extremamente gentil, devota e subserviente. Porém, obedecer àquilo que nos constrange, oprime, diminui e violenta, alimenta aquilo que também pode nos impedir de ser quem somos. Para uma vida com a liberdade de ser quem é, Soares (2010) nos propõe uma “sabedoria inventada e praticada”, excedendo os limites da norma, fazendo da vida uma experiência tanto criativa, quanto ativa.

Entendemos que para se salvar, é preciso ir além das nossas próprias experiências. O lugar de onde falamos pode até nos dar, em alguns momentos, a sensação de pertencimento, de

acolhimento e segurança. Porém, como aponta Audre Lorde “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”. Não há salvamento individual, não existe a possibilidade de uma vida livre, colorida e afirmativa sem a problematização do que nós, enquanto sociedade, produzimos, segregamos e destruímos. Portanto, a sabedoria para salvar a própria pele é entender que a saída é, antes de tudo, coletiva.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todas feministas*. Tradução: Christina Baum. 1 ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução: Denise Bottmann – 1 ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). *O sentido da escola*. 5. Ed. Petrópolis: DP, 2008.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p.13-38.

BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha/ organização: Eduardo F. Coutinho; tradução: Teresa Dias Carneiro*. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto? 4ªe.d.*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 20018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papyrus, 2012

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p . 81-109.

COUTO, Dilton Ribeiro. POCAHY, Fernando. CARVALHHO, Felipe S.P. ENSINAR-APRENDER COM OS MEMES: QUANDO AS ESTRATÉGIAS DE SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA VIRALIZAM NA INTERNET. *Educação – Periódicos*. 2. Comunicação e Cultura – Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação. II. *Revista Periferia CDU 37(05)*. Disponível Online: [Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet | Couto Junior | Periferia \(uerj.br\)](#)

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (orgs.) . Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação no Brasil. *Pedagogia y Saberes*. Nº46. Universidad Pedagógica Nacional. Facultad de Educación, 2017, pp.7-17.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre (Org). O futuro da internet: em direção a uma democracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição da Silva; LO BIANCO, Vittorio. Os memes e o golpe. *Educação – Periódicos*. 2. Comunicação e Cultura – Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação. II. *Revista Periferia CDU 37(05)*. Disponível Online: [OS MEMES E O GOLPE | Nolasco-Silva | Periferia \(uerj.br\)](#)

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; COSTA, Simone Gomes da. A invenção de si, do outro e da diferença sexual nas telas do YouTube: sexo e gênero como práticas sexuais. In: FILHO, Aldo Victorio; BERINO, Aristóteles; SOARES, Maria da Conceição Silva (org.) *Educação e audiovisualidades*. Curitiba: Appris, 2018.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; Costa, Simone. E desde quando escola é lugar para falar de gênero? In. Vidal, Haroldo; UCELLI, Marcelo Loureiro. *Educação, comunicação e diferença*. – Vitória: Pedregulho, 2018.

REIS, Vinicius Leite. A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para docência. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, 2018.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex. (Org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 33-47.

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra R.F.; CARVALHO, Felipe S.P. Educação Online: aprenderensinar em rede. In: SANTOS, Edméa O.; SAMPAIO, Fábio F.; PIMENTEL, Mariano (Org.). *Informática na Educação: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação CEIE-SBC, v.1). Disponível online: <https://ieducacao.ceie-br.org/educacaoonline>

SILVA, Juremir Machado. *Tecnologias do imaginário*. Porto Alegre, Sulina, 2006.

SOARES, Conceição. Sabedoria e ética para “salvar a própria pele”. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 110, p. 57-71, jan.-mar. 2010. Disponível em: <http://cedes.preface.com.br/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SOARES, Conceição. O audiovisual como dispositivo de pesquisas nos/com os cotidianos das escolas. *Visualidades*, Goiânia v. 14, n.1 p. 80-103, jan.-jun.

2016.Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43033>>. Acesso em: 07 ago. 2021.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.